



2 de Junho de 2012

Casa do Alentejo

Antonio Marques

Saudação do STAL à CGTP-IN

Quero saudar todos os Sindicalistas da nossa Central,

Aqueles que, não estando já na linha da frente continuam a ser referências para todos nós, pelo seu exemplo, capacidade de trabalho, dignidade e valores que nos legaram.

Aqueles que continuando no activo sabem que o momento actual é extremamente gravoso e deles depende a defesa intransigente dos direitos dos trabalhadores Portugueses.

À CGTP-IN compete, em primeiro lugar, a defesa e promoção dos direitos dos trabalhadores de Portugal, razão de ser da sua própria existência. Daí resulta que o fundamental da sua acção se desenvolva no quadro nacional, ancorado num esforço permanente nos locais de trabalho, lutando para que esses objectivos sejam, entre nós, uma realidade.

O aprofundamento das desigualdades entre ricos e pobres a estagnação económica acompanhada pelo avanço de políticas neoliberais baseadas na privatização das empresas do domínio do Estado e dos serviços públicos, na flexibilização do mercado de trabalho, na queda dos salários e no aumento do desemprego transfere para a nossa Central a dever e a obrigação de não deixar cair os braços e contra ventos e marés, apesar das imensas dificuldades e dos constrangimentos económicos internos, conduzir os trabalhadores para o caminho da luta coerente com os seus princípios.

Porque a nossa Central, A CGTP em quem confiam e se revêem os trabalhadores de Portugal, é composta por Homens e Mulheres quadros Sindicais com uma determinação férrea e uma vontade inquebrantável de contribuir para que todos sem excepção tenham direito a uma vida melhor.

A minha convicção é a de que a CGTP a nossa querida Central, continuará a funcionar como referência para o sindicalismo apesar de todas as tentativas de destruição.

Compete-nos estudar profundamente até que ponto deveremos aprofundar novas formas de organização para combater com eficácia e lutar contra as novas formas de capitalismo.

A Central que não está isolado do mundo exterior, bem pelo contrário participa nas instâncias e areópagos do Sindicalismo internacional deve estar atenta aos movimentos do Imperialismo. O imperialismo, que não tem não reconhece e não respeita fronteiras.

O Imperialismo que quando é obrigado, é capaz de retroceder para salvar o essencial. Frente à mobilização revolucionária dos povos, na actualidade dos povos árabes, profundamente marcada pela acção da classe trabalhadora —o imperialismo, depois de pedir a Mubarak para fazer

reformas, decidiu livrar-se dele, para tentar preservar o regime militar. A queda de Mubarak foi uma primeira vitória do povo egípcio contra este regime militar e contra o imperialismo.

O imperialismo sabe sacrificar dirigentes e regimes para preservar o essencial — o seu controlo — frente à mobilização revolucionária dos povos. Também sabe — e tem longa prática nesse domínio — liquidar regimes com quem cooperou longo tempo e que se tornaram obstáculos à sua política.

Depois de ter destruído a Líbia, segue-se o destino do regime de Bachar al-Assad. A mobilização “humanitária”, o recurso à ONU e à União Europeia, as sanções, são o prelúdio de uma nova agressão cujo objectivo, uma vez mais, seria destruir a soberania de um Estado, desagregar uma nação, condená-la a uma cadeia sem fim de “conflitos étnicos”, “regionais” e religiosos. E o que está a ser feito hoje com a Síria. E mostra o que se prepara para o Irão amanhã.

O Imperialismo é o maior obstáculo ao desenvolvimento económico dos Povos porque actua sempre no sentido de proteger em todas as circunstâncias um sistema capitalista assente na exploração económica e financeira das nações, através das incomensuráveis teias de dependência e corrupção.

A cobiça é a única bíblia do capitalismo.

Nós queremos, e modéstia à parte deixem-me citar o STAL como o maior Sindicato Português, o STAL defende uma Administração Local e Regional eficiente, assente na prestação de serviços, com qualidade na valorização e competência dos seus recursos humanos e na sua independência face às pressões políticas.

O STAL defende a luta sem tréguas contra a corrupção.

Quando os governos são corruptos há poucos incentivos para se manterem padrões elevados de ética empresarial. Neste indicador constata-se a importância da componente legal da corrupção nos negócios — a influência. Por exemplo, a instituição de influência política em troca de votos, lobbies na definição da política pública, entre outros.

No momento actual e no futuro próximo a defesa dos Portugueses, principalmente dos trabalhadores, depende da nossa acção. Esta é a nossa responsabilidade.

Saibamos estar à altura deste imenso desafio porque dele depende o Futuro de Portugal.

Deixem-me terminar com uma citação em latim:

-“*Labor omnia vincit improbus*”... O trabalho perseverante vence tudo.

Lisboa, 2 de Junho de 2012